

# O desalento do negociador brasileiro

**Manoel Francisco Brito**  
Correspondente

NOVA IORQUE — “É muito complicado”, suspirou o embaixador Jório Dauster, negociador da dívida externa brasileira. Depois de mais uma reunião com os credores, ele conversava com um grupo de jornalistas, no começo da noite de quarta-feira, em seu quartel-general em Manhattan — os escritórios, hoje praticamente vazios, da Interior, a empresa

que sucedeu a Interbrás no governo Collor. Em contraste com o habitual otimismo do embaixador, a frase dava uma medida do desalentador estágio atual das negociações da dívida externa.

De maneira alguma Dauster acha que a situação é de impasse. “Impasse significa não passar e não é isto exatamente o que está acontecendo”, afirma. Mas reconhece que se está longe de um acordo, e aponta a causa principal: o fato de

os banqueiros exigirem o pagamento dos atrasados — e um pagamento substancial — como preliminar a qualquer acordo mais geral. “Isso revela uma grande falta de visão do horizonte futuro”, reclama.

O calvário do embaixador tem incluído até desfeitas pessoais. Nas conversações da semana passada, houve um momento em que um banqueiro alemão, falando em inglês, acusou-o simultaneamente de estar sonegando informações e de ser

um ladrão. Dauster respondeu que dava a seu interlocutor o benefício da dúvida porque este não falava sua língua pátria, e emendou: “Sou representante do governo brasileiro e como tal mereço respeito”.

“Falei isso a ele de maneira calma, mas firme, de pé”, conta o embaixador. “Depois sentei-me novamente”. Na versão de um banqueiro, o episódio teria se encerrado com um Dauster furibundo retirando-se da sala. (Continua na página 3)